



FORMAÇÃO DOS IDOSOS DO CAMPO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS:

“Do Fazer Fazendo” - Idosos do MST e o Trabalho.

SILVA,¹ Katiane Machado da; (UFRGS)

E-mail: rosagramsci@gmail.com

LOPES², Elisabeth de Fátima da Silva (UFRGS)

E-mail: vvitvvit@gmail.com

CAPES/DS

RESUMO: Este artigo é fruto de pesquisas realizadas nos trabalhos de conclusões de Curso Pedagogia da Terra UERGS/ITERRA (2002/2005) e de Mestrado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006/2008). Concomitantemente, uma prática social desenvolvida nos Movimentos do Campo. O método utilizado busca ser coerente com o materialismo histórico dialético. Trata-se de um estudo de caso de natureza qualitativa. Foram realizadas entrevistas semi - estruturadas, sete na Dissertação e uma no TCC e observações da vida cotidiana dos sujeitos. Nasce de uma necessidade estudar/pesquisar a formação dos sujeitos idosos/as dos Movimentos Sociais do Campo. O objetivo é entender os idosos do MST e o trabalho na formação dos sujeitos do campo dos Movimentos Sociais. Esta questão do envelhecimento no MST aparece dentro do contexto que se insere na sociedade atual de envelhecimento populacional. O foco desse trabalho está voltado para as categorias analíticas de “Envelhecimento e Trabalho”. Na análise das pesquisas desvelou que estes sujeitos idosos/as foram fundamentais no processo de construção dos Movimentos Sociais. Atualmente, estão nos assentamentos de reforma Agrária e neles cumprem um papel fundamental da memória social e coletiva, bem como, de guardiões da biodiversidade. Os desafios são: fomentar a participação desses nas lutas sociais e valorizá-los pela suas experiências históricas; Desenvolver uma prática social anti capitalista no que se refere ao cuidado humano.

Palavras-chave: Educação do Campo; Trabalho; Envelhecimento; Movimentos Sociais do Campo.

¹Ms. Katiane Machado da Silva. Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob a orientação da Profa. Dra. Carmen Lucia Bezerra Machado. Bolsista CAPES /REUNI. rosagramsci@gmail.com

²Ms. Elisabeth de Fátima da Silva Lopes, pedagoga do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob a orientação da Profa. Dra. Carmen Lucia Bezerra Machado. E-mail: vvitvvit@gmail.com

Introdução

Este texto é produto de duas pesquisas, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do curso de Pedagogia da Terra³ (2002-2005) e, do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) na Faculdade de Educação (2006-2008), na Linha de Pesquisa Trabalho, Movimentos Sociais e Educação, com o eixo de pesquisa Trabalho e Envelhecimento e uma prática social desenvolvida pela pesquisadora nos Movimentos Sociais do Campo.

O estudo nasceu de uma necessidade em estudar/pesquisar a formação dos idosos/as dos Movimentos Sociais do Campo⁴. E, por entender que o processo de formação humana é permanente e acontece ao longo da vida, como aponta a segunda premissa de Mészáros no livro *Educação pra além do capital* (2005).

O texto pretende discutir o envelhecimento no MST⁵. O objetivo central do texto é problematizar a questão do trabalho e do envelhecimento, sua importância na formação dos sujeitos idosos/as do Campo dos Movimentos Sociais⁶.

O método que utilizamos busca ser coerente com o materialismo histórico dialético. É um estudo de caso de natureza qualitativa. Nas pesquisas realizadas nos utilizamos da técnica de entrevistas semi -estruturadas, sete na Dissertação e uma no TCC e observações

³ Curso de Pedagogia da Terra é um curso que iniciou em 2002, em parceria com o Instituto de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (ITERRA) e Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Com duração de 4 anos, divididas em 8 etapas que funciona dentro do Instituto de Educação Josué de Castro (IEJC), em Veranópolis/RS. Neste há educandos (as) que fazem parte dos movimentos sociais da Via Campesina (articulação dos movimentos sociais do campo, movimento indígena e mulheres trabalhadoras) e Movimento dos Trabalhadores desempregados (MTD).

⁴ Em específico o estudo de idosos/as do MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

⁵ O MST é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Surge no final da década de setenta do século XX um processo de retomada da luta pela terra no Brasil, este é fruto de um conjunto de lutas históricas dos trabalhadores e assim, em 1984 se constitui nacionalmente como um. Movimento Social autônomo, de massa, de caráter popular, sindical e político, que luta por terra, reforma agrária e mudanças na sociedade. (MORISSAWA, 2001, p.153). Para melhor conhecer e aprofundar sua origem e história ver MORISSAWA, Mitsue. A história da luta pela terra e o MST. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

⁶ Segundo Alberto Melucci: *“Movimentos Sociais são, simultaneamente, fenômeno discursivos e políticos localizados na fronteira entre as referências da vida pessoal e política (...) constituem aquela parte da realidade social na qual as relações sociais ainda não cristalizaram (...) eles não constituem um simples objeto social e sim uma lente através da qual problemas mais gerais podem ser abordados”* (CEBRAP, 1994, p.152 –156). Para nós do MST Movimento Social é símbolo de luta social, projeto, objetivo desde a ótica dos trabalhadores, é um espaço de formação de sujeitos coletivos e sociais, tem como característica a mobilização massiva com participação direta dos interessados, possui identidade coletiva, possui interesses comuns. Para nós, não é o Movimento Social que educa, mas o próprio movimento que o Movimento Social propicia que educa. Logo, é um princípio educativo, pois contribui para a formação /humanização dos sujeitos que dele fazem parte.

participantes dos sujeitos dos idosos do campo. Ressaltamos que as autoras deste texto se propõem a uma postura de pesquisadora participante⁷.

O foco desse trabalho está voltado para uma categoria analítica que é “Envelhecimento e Trabalho”.

A partir disso, procuramos trazer esta discussão o eixo de pesquisa, buscando entender de onde vem o interesse por este tema. Por que estudar Trabalho e Envelhecimento? Como se dá o desdobramento disso no envelhecimento dos idosos do Campo? Se este influencia, de que forma? E, principalmente como podemos trabalhar com estes elementos para melhor compreender a realidade do envelhecimento dos sujeitos do campo.

A metodologia utilizada para a produção desse texto foi leituras que nos embasaram tanto no que se refere a envelhecimento, idoso, bem como sobre a questão do trabalho, educação, estas nos ajudaram a compreender como se deu e se dá a construção do Trabalho e todas as questões que se refere ao envelhecimento e aos idosos/as do Campo. Também nos utilizamos de observações da realidade, da experiência de vida, de algumas falas e observações do trabalho realizado na graduação⁸.

Dividimos este texto em nas seguintes partes: Uma introdução, após na primeira parte fundamentaremos o que compreendemos por Trabalho e Envelhecimento, na segunda, analisaremos as categorias Trabalho e Envelhecimento para a formação/ educação humana dos sujeitos do campo, com ênfase: “*Do Fazer Fazendo*” - *Idosos do MST e o Trabalho*.

. E, por fim, faremos apontaremos os Desafios e perspectivas do Trabalho e Envelhecimento nos Movimentos Sociais do Campo.

Vejamos as descobertas e aprendizados que este trabalho me proporcionou.

Por que estudar Trabalho e Envelhecimento?

⁷ Partimos da concepção desenvolvida por MELLO (2005, p. 35) [...] uma prática de investigação que incorpora grupos excluídos às esferas da decisão, produção e comunicação de conhecimento, visando contribuir na transformação da realidade com mudança nas condições de dominação.

⁸ SILVA, Katiane M.da. **A Vida de uma Lutadora: o Enraizamento da Experiência da Sem Terra Maria Siqueira**. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Veranópolis, 2004. Pesquisa realizada com a Sem Terra Maria Siqueira, o qual foi um estudo de caso, com análise a partir de sua história de vida elementos que contribuíram e contribuem no seu processo de formação dentre estes destaca-se seis elementos que a formam: As Perdas; A Religiosidade; O Enraizamento - Voltar às origens; a Relação com o MST – A pertença; A relação com a família e as Contradições.

Neste texto procuramos compreender o que nos levou a estudar/ pesquisar o envelhecimento e o trabalho como uma categoria de estudo e seu papel na atualidade no que se refere aos idosos/as do Campo.

Neste percurso que realizamos desde a graduação onde tivemos como foco de pesquisa os idosos/as do campo, nos debruçamos a estudar o Envelhecimento, o qual, o consideramos um desafio, pois é algo que está eclodindo não só como uma realidade à sociedade brasileira, mas também como um tema a ser pensado no que se refere aos Movimentos Sociais e seus sujeitos.

Esta questão do envelhecimento no MST aparece no contexto da sociedade atual. A questão surge a partir de uma necessidade concreta que vem se constituindo em nosso meio. Camarano (2002), em seu estudo sobre o Envelhecimento da população brasileira traz esta contribuição demonstrando, a partir de dados demográficos, estas transformações.

O envelhecimento populacional é, hoje, proeminente fenômeno mundial. Isso significa um crescimento mais elevado da população idosa com relação aos demais grupos etários. No caso brasileiro, pode ser exemplificado por aumento da participação da população maior de 60 anos no total da população nacional de 4%, em 1940, para 9%, em 2000. (CAMARANO, 2002, p.58)

Os estudos realizados até aqui revelaram a necessidade de mais pesquisas sobre envelhecimento no campo. Principalmente, no específico, sobre os idosos do campo dos movimentos sociais.

Contatamos praticamente uma inexistência de trabalhos nesta perspectiva da educação/formação de idosos/as do Campo. Estudar as relações que estes estabelecem no campo é importante para compreender a totalidade de ser idoso/a, mesmo que segundo as estatísticas o número maior esteja nas cidades.

Assim, pela necessidade, neste caso o envelhecimento populacional brasileiro e consequentemente o envelhecimento dos assentamentos são alguns dos fatores que estão levando pesquisadores e movimentos sociais à necessidade de entender e a estudar o envelhecimento e os idosos/as.

Contudo, sabemos que pesquisar/estudar as relações que estes estabelecem no Campo é de suma importância para compreendermos a totalidade de ser idoso tanto na cidade quanto

no campo, mesmo que a maioria esteja na cidade. Assim, muito mais do que estudar uma faixa etária é importante conhecer e saber quem são e como se formam estes sujeitos idosos/as do campo, como eles vivem, como estes reproduzem sua existência, como estes guardam a nossa memória⁹, a história, enfim, como estes se forjam a partir das relações sociais, em especial, a relação do trabalho como uma matriz educativa do sujeito Sem Terra. Aqui, Sem Terra como uma identidade, ou seja:

“Ser Sem Terra hoje é bem mais do que ser trabalhador ou trabalhadora que não tem terra, ou mesmo que luta por ela, Sem Terra é uma identidade historicamente construída, primeiro como uma condição social: sem - terra, e aos poucos não mais como circunstâncias a ser superada, mas sim, como uma identidade de cultivo”. ‘...Esta identidade fica mais forte à medida que se materializa em modo de vida, ou seja, que se constituem como cultura, e que projeta transformações no jeito de ser das pessoas e da sociedade, cultivando valores (humanistas e socialistas) que contrapõem aos valores (anti – valores) que sustentam a sociedade atual. (MST, 2004, p.5).

Por isso, estudar os idosos/as também nós remete a estudar a construção deste sujeito e de sua identidade, de como acontece seu processo formativo, seja através do trabalho, seja através da luta social, seja através de sua própria história, enfim, os conhecer melhor e poder projetar alternativas possibilitando um melhor envelhecimento, com vida digna e que estes possam viver plenamente este processo desde uma perspectiva o mais humana possível.

É interessante estudarmos isto, justamente para percebermos quais são os elementos que agregam e desagregam estes idosos/as do Campo. E como este processo os transforma, os recriam, ou simplesmente os conservam com costumes, e como transmissores de um conhecimento acumulado, isto tudo nos remetendo em especial aqui as questões voltadas à agropecuária, pois os idosos/as que me refiro aqui são basicamente os do MST.

⁹ É aquisição, a formação, a conservação e a evocação de informações. A aquisição também é chamada de aprendizagem: só se “grava” aquilo que foi aprendido. Só *lembramos* aquilo que gravamos. Podemos afirmar que somos aquilo que recordamos, literalmente. Não podemos usar como base para projetar nosso futuro aquilo que esquecemos ou que nunca aprendemos. O acervo de nossa memória faz com que cada um de nós seja o que é, com que sejamos, cada um, cada indivíduo, um ser para qual não existe outro idêntico. O passado contém o acervo de dados, único que possuímos, o tesouro que nos permite traçar linhas a partir dele, atravessando o transitório presente em que vivemos, rumo ao futuro. O conjunto das memórias de cada um determina aquilo que se denomina personalidade ou forma de ser. O acervo de memória de cada um nos converte em indivíduos. Porém esta não se constrói só e necessário que o ser humano esteja em relação com o mundo, com as pessoas. A identidade dos povos, dos países, das civilizações provém de suas memórias comuns, cujo conjunto denomina-se de história. IZQUIERDO, Iván Memória. 1ed. Artmed: Porto Alegre, 2006.

.....

Logo, no texto que segue estarei conceituando trabalho, envelhecimento e Idoso/a e sua importância para entendermos a formação dos sujeitos idosos/as. .

Envelhecimento e Trabalho nos Movimentos Sociais do campo

Envelhecimento

Dessa forma, o envelhecimento é uma fase tão importante quanto qualquer outra, devendo ser vivida bem e tão intensa quanto às demais. Assim como as demais trazem aprendizados para todas as fases de vida, aquela é o resultado de um acúmulo de experiências, que deve servir como fonte de conhecimento para si mesmo e para os outros. Neste sentido os sujeitos devem ser valorizados, respeitados, pois, representam a nossa cultura, a nossa história, enfim a nossa raiz.

Além disso, é relevante destacar, conforme Barros (1998, p. 228), que o envelhecimento.

[...] não é um processo homogêneo [...], mesmo em cada indivíduo. Há sempre partes, órgãos ou funções do corpo que se mantêm muito mais ‘jovens’, ‘conservados’, sadios, do que os outros. [...] do mesmo modo que no terreno dos sentimentos e das representações, velhice nunca é um fato total. Ninguém se sente velho em todas as situações. (...) a velhice é uma identidade permanente e constante.

Concluimos que: “Envelhecimento deve ser compreendido como um período integrado a toda a existência vivida, na qual a velhice recebe diferentes significados em relação à vida inteira das pessoas” (MINAYO, 2002, p.184).

Percebemos que não existem muitos materiais sobre envelhecimento no campo, em um texto que li, o assunto aparece assim:

Constata-se que, apesar do avanço tecnológico, ainda em muitas regiões os velhos são os transmissores de conhecimento, que estão passando através dos tempos, de geração a geração, em relação à saúde, alimentação, trabalho, habitação, hábitos de lazer (canto, música, dança e jogos) num verdadeiro processo de ensino-aprendizagem. Além disso, mantém hábitos, costumes, religião de seus antepassados. (SCHON, 2000, p.166)

Por isso, nas principais leituras sobre o tema foram referentes aos idosos/as urbanos/as, pois não quase inexitem escritos sobre idosos do campo. Então me utilizei do

produzido para fazer uma ligação com idosos do campo, pois algumas das situações que se reproduzem são as mesmas no meio urbano e rural.

Neste processo de construção histórica, cultural e social, se percebe que os idosos constituem alguns elementos fundamentais para a perpetuação da humanidade, que vai principalmente desde sua memória até, por que não, a própria identidade do povo.

Logo, o interesse pelo tema fez com que eu desconstruísse esta visão, e trouxesse isto para ser discutido e problematizado dentro dos Movimentos Sociais, em específico o MST. Proporcionando assim, um número maior de sujeitos a debater e discutir este tema e sua importância na atualidade. Defendemos e acreditamos neste estudo referente aos idosos, pois aos estudá-los estaremos, em última análise, compreendendo a nós mesmos e a certas relações e ações de nossa sociedade.

A partir desses estudos fomos construindo o que nós chamamos de conceito de envelhecimento e idoso/a, é claro embasado em vários teóricos que pensam e estudam sobre o tema, a partir deles podemos chegar a seguinte compreensão que envelhecimento não é apenas um período de vida que acontece na velhice, mas que este, perpassa todas as fases dos sujeitos, que desde que nascemos estamos envelhecendo, todos os dias envelhecemos um pouco, que dependendo da classe social, dos fatores culturais, históricos e emocionais (psicológicos), que este ocupa, o processo é vivenciado de um jeito. Que como Minayo (2002) trás em seu trabalho este não deve ser visto negativamente, ao contrário, podemos enriquecer este a partir de nossa experiência de vida desde que não morramos prematuramente.

É importante valorizarmos as diferentes idades, pois em cada uma delas o sujeito sofre um processo e que este não pode ser ignorado. É preciso trabalhar o período da velhice, pois ele é o acúmulo que este sujeito carrega seja negativo ou positivo, o que não podemos é ignorar, ao contrário devemos deixar de trabalhar com termos pejorativos como velho, velhote, e assumir o termo idoso/a, como aquele sujeito que vive seu envelhecimento positivamente ou não, mas que tem possibilidade de ser sujeito e fazer história. Acima de tudo nesta sociedade atual é muito significativo desconstruir a visão de idoso como meros consumidores de mercadorias.

Dessa forma o envelhecimento é uma fase tão importante quanto qualquer outra, que deve ser vivida bem e tão intensa quanto às demais, pode trazer grandes aprendizados para as outras fases, pois esta trás um acúmulo de experiências, que deve servir como fonte de conhecimento para si mesmo e para os outros. Onde os sujeitos devem ser valorizados, respeitados, pois, representam a nossa cultura, a nossa história, enfim a nossa raiz.

Quando me refiro a idosos/as e não velhos é justamente pelo sentido da própria palavra idoso aqui representa aquele sujeito que vive de forma ativa ou não o seu processo de envelhecimento. No entanto, isto tudo sempre estará ligado aos valores morais e éticos que cada sociedade ostenta e principalmente, as questões de classe social que o sujeito pertence. Já velho, trás um sentido de algo ruim, há uma citação que elucida bem o que estou afirmando. “A noção de **velho** é, pois, fortemente assimilada a decadência e confundida com incapacidade para o trabalho: ser velho é pertencer à categorização emblemática dos indivíduos idosos pobres” (BARROS, 1998, p.72).

“Do Fazer Fazendo”: Idosos do MST e o Trabalho.

Que é a vida, senão atividade?
Marx (1818-1883)

Neste item do texto aprofundamos o papel do trabalho na formação dos sujeitos idosos/as do MST. Como o trabalho se insere na vida deles? Que tipos de trabalhos eles desenvolvem? Como eles o percebem? Qual é o sentido do trabalho para os idosos/as? Que papel o trabalho assume na vida dos idosos/as? Qual a importância que estes dão ao trabalho?

Ao estudar a história do ser humano apreendemos que o trabalho foi essencial para o seu desenvolvimento, foi a partir dele, que os homens e mulheres se humanizaram. Segundo Marx (1998), o trabalho é uma categoria - chave de análise das relações sociais de produção da sociedade. Analisando tais relações Marx constatará que trabalho é um processo entre homem e natureza, ele transforma a natureza, que transforma o homem, é que se transforma a si mesmo. Para o autor, o trabalho humano é o que visa um resultado útil, desenvolvendo ação e reflexão, é a produção do ser humano.

Segundo Marx (1998), o trabalho pode ser visto de dois lados: por um lado, o trabalho pode servir para libertar o homem para se humanizar; por outro lado, o trabalho também pode alienar e escravizar o homem. Qual dos dois lados prevalece depende, principalmente, das relações sociais de produção em uma determinada sociedade. Neste processo de análise, Marx vai estudar toda a construção destas relações sociais de produção nas diferentes sociedades, nos diferentes períodos históricos, se fixando e aprofundando o modo de produção capitalista.

Para aquele autor, o trabalho no capitalismo é uma relação de exploração, pois o homem vende sua força de trabalho, logo, o trabalho desta forma, mutila, aliena.

Um outro autor, historicamente mais próximo, Antônio Gramsci (1891 - 1937) usará a categoria do trabalho como um princípio educativo, ou seja, matriz do ser humano. O trabalho é uma atividade teórica prática; este deve impulsionar a emancipação humana. Gramsci segue o pensamento de Marx, mas aprofunda esta compreensão introduzindo a filosofia da práxis.

Neste início, vou situar o trabalho dentro do capitalismo, pois é neste contexto das relações sociais de produção capitalista que farei a análise do processo educativo que acontece com os sujeitos idosos/as do MST. Trata-se de um processo cheio de contradição, pois o MST em sua prática insere o trabalho como matriz educativa numa perspectiva gramsciana, de libertar e não de alienar/ explorar o ser humano. Produzindo um movimento de contraposição social no que diz respeito aos seres humanos, em especial aos ser idoso/a.

Partindo da história do MST percebemos que desde a primeira ação realizada houve esta intencionalidade, talvez no início não tão claro, mas que aos poucos tomou forma e ganhou corpo. Hoje, essa questão assume uma importância quando se discute a formação do sujeito Sem Terra. A descoberta do trabalho como formador se deu por dois caminhos, um a partir da prática como dizem os Sem Terra “*do fazer fazendo*” e a outra, apreendendo dos autores clássicos as concepções de trabalho. Este último se deu aos poucos e foi sendo fundamentado a partir de alguns autores, como Karl Marx (1818- 1883), Pistrak (1888 - 1940), Makarenko (1888 – 1939), Gramsci (1891 - 1937), os quais elaboram as suas teorias dando a centralidade ao trabalho.

Estes autores acima serão partes do embasamento teórico feito pelo MST para entender o trabalho e seu papel na formação humana. Assim, o Movimento conceitua o trabalho a partir desses autores.

Todo trabalho é educativo. [...] não existe trabalho que seja completamente deseducativo. Todo trabalho educa o sujeito, pelo menos, em alguma dimensão. O que acontece é que muitas vezes o trabalho é ao mesmo tempo educativo e deseducativo, quer dizer educa num lado e deseduca no outro (MST, 2005, p.92).

O trabalho nesta perspectiva toma uma dimensão de matriz onde segundo o MST (1996)

As pessoas se humanizam ou se desumanizam, através do trabalho e das relações sociais que estabelecem entre si no processo de produção material

de sua existência [...] É o trabalho que nos diferencia de outros seres vivos. Através dele, de forma pessoal e coletiva, garantimos as condições objetivas de nossa qualidade de vida. O trabalhador se deseduca e se desumaniza ao ser desapropriado, desqualificado ou explorado em seu trabalho (MST, p.8 e 33).

Ainda relendo constatamos que: “[...] É o trabalho que gera valor; que nos identifica enquanto classe; e que é capaz de construir novas relações sociais e também novas consciências, tanto coletivas como pessoais” (MST, 1996, p 15).

A partir destes elementos sobre o trabalho que apontamos, olhando para a realidade e para os sujeitos da pesquisa, podemos dizer que estes trazem esta centralidade do trabalho em suas vidas. O trabalho, aparece desde o primeiro ao último contato que tivemos.

Essa importância que o trabalho assume na vida dos idosos/as nos chamou a atenção quando iniciou-se os estudos sobre a história do latifúndio Anoni, ao qual pudemos constatar a ação transformadora do trabalho na formação dos sujeitos, pois toda a prática social desenvolvida, desde a organização das famílias para irem para o acampamento, a ocupação, o acampamento e depois o assentamento das famílias foram processos de intenso trabalho, uma grande produção de vida. Todos/as foram para o MST, num primeiro momento em busca de terra para trabalhar, e nesta perspectiva o trabalho está ligado as necessidades de sobrevivência. Todas estas práticas foram e são desenvolvidas dentro do MST como uma grande ação educativa. Isso não é óbvio. E nem é perceptível a todos. Mas ao juntarmos isso, as vivências que os sujeitos trazem quando entram no MST, podemos dizer que estes passam por um processo de formação humano. Não estático, mas cheio de contradições como é a própria vida humana.

Neste sentido é importante refletir a leitura que fizemos sobre a inserção do trabalho na vida dos idosos/as pesquisados/as. Desde o início do trabalho de pesquisa, no primeiro contato com os idosos/as, observamos a importância e como o trabalho se insere na vida dos sujeitos. Ao nos narrarem suas histórias, todos/as trazem essa questão do trabalho, contando-nos que iniciaram muito cedo a trabalhar, como parte integrante de sua existência. Inicialmente, essa socialização do trabalho se insere na vida dos sujeitos pela família, que é o primeiro espaço onde ele começa a ser reproduzido e dividido entre os homens e as mulheres. Também dividem socialmente o trabalho, entre manual e intelectual. E é o trabalho manual que está presente na maioria de suas falas e práticas, mas podemos ver este também como processo de reflexão. Em nossas leituras os sujeitos idosos/as não vê o trabalho manual como dimensão humana, mas como algo necessário a sua sobrevivência.

Ao longo das suas vidas estes idosos/as foram desenvolvendo diferentes tipos de trabalhos. Primeiramente, o trabalho familiar, organizado a partir da divisão sexual do trabalho, depois com o passar dos anos desenvolveram o trabalho individual. Ao fazerem parte da vivência e se inserirem no MST, exercitam o trabalho coletivo e o trabalho comunitário, o que faz este sujeito experimentar outras dimensões, ou seja, outras relações sociais serão produzidas no interior desses espaços que é distinta do que é dado pela sociedade capitalista. Este será uma das contribuições na formação desses sujeitos idosos/as.

A partir dessa nova formação, todos/as trazem um valor para o trabalho, pra alguns, o trabalho é altamente positivo, chega a ser algo que os impulsiona o viver como é o caso de seu João (60 anos) que fala assim: *“Trabalho é a vida. A gente trabalhando. A gente ocupa a mente”*.

Fomos observando e captando as concepções que os sujeitos idosos/as produziram acerca do trabalho como este está ligado a sua produção da existência e como, em alguns casos, se liga à sobrevivência.

Uma outra constatação foi que todos/as dão ênfase ao trabalho como uma atividade prática, permanente, cotidiana. Nas observações que realizei percebi que todos/as estão profundamente emersos nessa atividade, alguns o vêem assim:

Desde os cinco anos, trabalhei. [...] O trabalho é super importante, muito importante o trabalho. Eu acho que tem que trabalhar. Como tu vê hoje, o povo não quer trabalhar, má um monte de gente que não quer nada com nada. E aí depois quando tu te pega num trabalho aí tu cai na depressão, por que tu não tá acostumado na lida, no trabalho, no esforço. Aí tu já corre na Assistência, um encosto, um auxílio não sei aonde, eu não sou contra isso também, nem contra o que acontece com a pessoa, tem uma coisa que vem do fundo que vem da família. Eu criei a minha família, graças a Deus, tudo trabalhador. [...] Tudo trabalham. Todos eles trabalham. (Joana – 58 anos)

Há duas coisas importantes nesta fala que merecem ser analisadas. O primeiro aspecto a respeito ao trabalho como produção da existência, e isso tá ligado a importância e centralidade que Joana dá ao trabalho na sua vida como algo que foi ensinado, que vem da família. Sabemos muito bem que ele é um processo socializado entre os humanos e dependendo do meio que o sujeito está, poderá libertar ou alienar. O segundo aspecto é a respeito do trabalho como algo sofrido, pesado, duro. Esta constatação está presente no sentido o sentido etimológico da palavra trabalho que é:

[...] Trabalhar tem sua origem etimológica no vocabulário latino (Machado, 1959, v.2, p.1790), “tripaliare”, que significa “torturar” com o “tripaliu”, este

de “tripalis”, derivado de três palus, pois aquele instrumento de tortura, o “tripaliu”, era formado por três paus. Desta maneira, trabalhar é ser torturado, [...] (TRIVIÑOS, 1984, p.53)

Este sentido de “esforço” que Joana dá ao trabalho é como é visto por muitas pessoas. Assim, duma atividade criadora, o trabalho passa a ser um castigo divino e está ligado a uma linha de pensamento, que vê no trabalho uma forma de opressão no sentido freiriano.

Nesta outra fala de Joana que segue abaixo, podemos observar qual o sentido do trabalho, que ela atribui como algo que “não faz mau”, “só faz bem”. O que será ela que quer dizer com o “faz bem” olhando para sua narrativa o que podemos interpretar?

[...] Se eu trabalhei desde pequena, tô aqui ainda forte, tenho energia força, tenho vontade de trabalha. Nenhum trabalho faz mal! Nenhum trabalho faz mal! Só faz bem e ajuda pra saúde. Pode pegar uma pessoa de idade pra ver, pode entrevista pra você vê. No caso veve, mais, dura mais. Uma pessoa que trabalha, que tá em movimento tem assim, muito mais saúde. Eu acho que sim. Tu tem um certo desgaste nê, de fazer força do que não pode. Que nem a gente trabalhava lá fora, cortava trigo de foicinha, cortava soja de foicinha, e daí você nas ladeiras tinha que se afirma dois, três passo pra traz, afirma o corpo prá tu ergue doze feixe de trigo. Você cortava amarrava os feixinho, depois amarrava os feixinho de trigo para não cair e não despencar das costas da gente. [...] Isso é um desgaste que a gente tem de um tempo atrás. [...] Acho bom trabalhar. É bom, isso aí faz bem a saúde, não fora do limite, nem exploração. Por que eu já trabalhei fora do limite e muito nê. O tempo que eu trabalhei lá fora no meus patrões. Agradeço eles hoje, por que aprendi a trabalha com eles. Mas só que eu trabalhei muito, eu com quinze ano, trabalha com boi, lavra, planta, de tudo. [...] Eu sei que sofri bastante. Não me arrependo de ter aprendido o que aprendi. Só que eu não precisava ter sofrido como sofri. As famílias eram grandes. (Joana – 58 anos)

Entendemos que o sentido dado ao trabalho não é o da alienação, tanto que chega a afirmar que este não pode ser exploração. O trabalho ao qual ela se refere é aquele que está ligado a atividade física, atividades manuais, como se vê nas suas falas, seus exemplos. Por isso, mesmo ela destacando o aspecto penoso do trabalho, consigo observar a reflexão de Joana a respeito do trabalho e a forma como este se o insere em sua vida. Esta narrativa demonstra seu movimento formativo, onde ela o vê. Primeiramente, como algo árduo, duro, difícil, mas que ao longo de sua vida e com as diferentes vivências pode transformar o sujeito, revelando assim, o sentido ontológico.

Percebi na fala de Joana o que Antunes (2005) chama ***Os Sentidos do Trabalho***. Segundo ele, o trabalho tem dois sentidos, o estruturante do trabalho vivo, e o sentido des (estruturante) do trabalho abstrato. Para o autor o trabalho estruturante é aquele que emancipa

e o des (estruturante) é o que aliena. Nesta fala acima, aparecem os dois sentidos do trabalho. O que Joana aponta é aquele trabalho no sentido estruturante, que poderia se chamar de processo de ensaio de emancipação. Pondo a ênfase no que será o trabalho como uma prática que não deve ser vista como árdua, mas como algo que faz parte da vida. Tendo sempre o cuidado, ao falar de trabalho que produz vida, como aquele que sua prática gera a reflexão, permite segundo Antunes reestruturar o ser social. (ANTUNES, 2005, p.182)

A partir da fala de Joana, percebemos o valor que o trabalho manual adquire na vida dos idosos/as. Ele se fundamenta como atividade física que gera saúde, promove vida e também, como uma das dimensões fundamentais na vida dos camponeses idosos/as.

[...] Acordemo cinco horas da manhã, seis e meia por ali, tomemo chimarrão. Sequemo a chaleira no fogão e vamo faze o serviço. [...] imo pro batente seis e meia, sete no máximo, se estraviemo. Vamo pra roça, ontem, puxemo um monte de mio de carroça. As vez não dá tempo nem de briga. [...] Sou feliz, graças a Deus que posso trabalhar, tenho saúde ainda pra trabalha. Deus me livre que eu não tiver mais, daí eu disse brincando eu digo: me arrastem para um lugar. É triste não poder trabalhar. Eu gosto de trabalha, eu gosto. [...] Desde moço, trabalha é bom pra saúde. trabalha não mata ninguém. (João – 60 e Clara - 58)

Em outro trecho da fala, se produz uma outra concepção de trabalho, como algo prazeroso, que provoca bem estar, que faz as pessoas se sentirem vivas, é assim que interpreto a fala de seu Marcos, algo que o transforma. Isso é explícito na maneira alegre que vai me narrando. Seus olhos ao falar de trabalho brilham, sua boca se abre para um sorriso, é como se este me afirmasse, o trabalho me faz viver. Exemplifico isso nesta fala:

[...] Meu divertimento é trabalha. [...] Agora, to indo pouco. [...] Ultimamente tenho ido pouco. Lá na lavoura, coisa de formiga e coisarada era só tudo eu que cuidava. [...] Hoje, eu já não güento mais faze isso, mas o trabalho me faz falta. Eu sinto falta de trabalha. Eu quando trabalhava passava os dias mais fácil. [...] (Marcos – 67anos)

Os idosos vêem o trabalho como algo central em suas vidas, e o que os move a viver.

A partir destas observações, é importante olhar para o trabalho no envelhecimento, justamente, para perceber como este forjou estes sujeitos, como se dá seu processo de formação e quais as relações que o trabalho estabelece no seio da nossa na sociedade atual. Perceber o trabalho como um processo de formação que tem se movimentado ao longo dos diferentes sociedades e períodos históricos. Perceber o trabalho em suas características

formativas permitirá um aprofundamento de nossa compreensão da formação dos sujeitos idosos/as.

Desafios e perspectivas do Trabalho e Envelhecimento nos Movimentos Sociais do Campo

Neste processo de formação os idosos/as nos remetem a alguns aprendizados como a relação que estes desenvolvem com a terra e a natureza, desde o carinho, o valor, o cuidado. E estes vivenciam um processo de envelhecimento não diferente dos idosos/as da cidade, mas com esse elemento de destaque. Isto necessariamente não significa que vivam melhor o processo de envelhecer. Apenas que constroem diferentes experiências e vivências que pode contribuir ou não para um envelhecimento saudável. O que queremos dizer com isso? Isto vai desde como estes constroem suas aprendizagens, suas relações, bem como a relações com mundo que os cerca, neste sentido, estes preservam a cultura, as raízes, a identidade camponesa, contudo isso vem se modificando dia – dia.

Nesta perspectiva o trabalho assume uma função essencial na vida destes sujeitos que fazem desse uma atividade diária e concreta, uma atividade com muito significado, “*é um fator de identificação e constituição do ‘eu’ (...) dando sentido a vida das pessoas*”. (Caldart, 2006, p.35).

Logo, este é um dos elementos que possibilita viverem seu processo de envelhecimento com um outro enfoque que não é o mesmo colocado pela cidade e pelo senso comum, onde o envelhecimento assume uma visão ruim, pejorativa e muitas vezes negativa, gerando um afastamento destes sujeitos do conjunto da sociedade, fazendo com que tenham como referencia o passado, muitas vezes deixando de projetar o seu próprio futuro.

Assim, compartilhando com o pensamento de Rodrigues (1998 p.490). traz a seguinte contribuição: “*O trabalho, então pode constituir-se em um elemento fundamental para análise do ser humano e suas relações com o mundo material e com sua vida psíquica...*”.

Neste processo atual onde nós somos levados a produzir, o tempo e o espaço do e no campo toma outra forma e os sujeitos que a reproduzem a existência ali trazem consigo uma relação, às vezes, mais humana e aberta com o trabalho, que é prático, contínuo e diário e

que esta intrinsecamente ligada à produção da existência humana, embora haja algumas exceções.

Neste sentido, os idosos/as mantêm um laço forte com a natureza onde é a partir dela que estes criam toda uma gama de relações com plantas, ervas medicinais, sementes, onde estes reproduzem sua existência. Isso se destaca na perspectiva da cultura, esta, como um dos elementos gerados pelo trabalho, onde os idosos são verdadeiros guardiões. Cabe a nós registrar e redescobrir alguns elementos que estes se utilizam, como é o caso da arte, A arte, por exemplo, a questão de artesanatos, culinária, artes plásticas, música e contação de histórias, na qual nossos idosos /as são verdadeiros educadores populares.

Por fim cabe a nós intencionar o trabalho no envelhecimento, a fim de que este tome uma dimensão que desenvolva os idosos/as e os torne mais plenos e humanos possíveis. *“O homem é um ser ontocriativo e trás em si a capacidade de se modificar e de engendrar resistências na busca de forma de se superar, de expressar sua humanidade e de resistir à dominação”*.(Pacheco, apud Py, 2004). Logo, a matriz educativa trabalho, no envelhecimento constitui como um dos focos importantes no que se referem a formação dos idosos do campo e construção de sua identidade.

Bibliografia

- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaios sobre afirmação e a negação do trabalho**. 3. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- BARROS, Miriam Moraes Lins de (org.) **Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. 1 ed, editora, Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. v.1.
- _____. **A Velhice**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. V 2.
- BOGO, Ademar; **O MST e a Cultura**. Caderno de Formação nº34, São Paulo: MST, 2000.
- BERQUÓ, Elza. Considerações sobre o Envelhecimento da População no Brasil. In: IN: NERI, Anita Liberalesso, DEBERT, Guita Grin (Org.). **Velhice e Sociedade**. Coleção vivacidade, Campinas: Papirus, 1999. P, 11- 40.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 12 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CALDART, Roseli Salete. **Escola Pedagogia do Movimento Sem Terra: É Mais que Escola**. Editora Vozes. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CAMARANO, Ana Amélia. Envelhecimento da População Brasileira: uma contribuição demográfica. IN: FREITAS, Elizabete Viana de, et al (org). Tratado de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002 p.58 – 71.
- FERNANDES, Bernardo M. Formação, Espacialização e Territorialização do MST. In: STÉDILE, João Pedro (Org.). **A Reforma Agrária e a Luta do MST**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997, p. 133- 155.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOHN, Maria da glória. **Teorias dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo:Edições Loyola, 1997.

GÖRGEN, Frei Sérgio Antônio (ofm). **Os Novos Desafios da Agricultura Camponesa**. Porto Alegre, Novembro de 2004.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção Dialética da História**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GRZYBOWSKI, Cândido. **Caminhos e descaminhos dos Movimentos Sociais no Campo**. Vozes: Petrópolis, RJ, 1987.

GUSMÁN, Eduardo Sevilla. MOLINA, Manuel González. **Sobre a evolução do conceito de campesinato**. Via Campesina do Brasil. Brasília: Expressão Popular, Março de 2005.

IZQUIERDO, Iván. **Memória**. 1ed. Artmed: Porto Alegre, 2006.

MARX, Karl. **O Capital. Crítica a economia política**. Livro Primeiro. Volume 1. 16ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

MELLO, Marcos. **Pesquisa participante e educação popular: da intenção ao gesto**. Porto Alegre: Diálogo-IPPOA, 2005.

MÉSZÁROS, István. **A Educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza, JR Coimbra, Carlos E. (orgs.). **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.

MOLINA, Mônica Castagna (org.) **Educação do Campo e Pesquisa questões para reflexão**. Brasília: MDA, 2006.

MORISSAWA, Mitsue; **A História da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

MST, **Princípios da Educação no MST**. Caderno de Educação Nº 8. São Paulo, 1996.

_____. **Como Fazemos A Escola de Educação Fundamental**. Caderno de Educação Nº 9. 4 Ed. São Paulo, 2004.

_____. **Pedagogia do Movimento Sem Terra Acompanhamento às Escolas**. Boletim de Educação. Nº8 .1 ed. São Paulo, 2001.

_____. **Dossiê MST ESCOLA Documentos e Estudos de 1990 -2001**. Caderno de educação nº13 Edição Especial. ITERRA: Veranópolis, 2005.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade...In: BARROS, Miriam Moraes Lins de (org.) **Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. 1 ed, editora, Rio de Janeiro: FGV, 1998. P. 69 -84.

RIBEIRO, Marlene. **“O caráter pedagógico dos movimentos sociais”**. Serviço Social e Sociedade. São Paulo: Cortez, 1999. P. 41- 7. nº58.

_____. **“O caráter pedagógico dos movimentos sociais”**. In: FERRARO, Alceu R; RIBEIRO, Marlene. *Movimentos Sociais: Revolução ou Reação*. Pelotas: Educat, 1999 p. 103 -135.

RODRIGUES, Algaides de Marco. **Construindo o Envelhecimento**. Pelotas: EDUCAT 1998.

RODRIGUES, Nara Costa e TERRA, Newton Luiz. **Gerontologia Social para Leigos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

SCHON Carmine Regina e PARMA, Lúcia Saccomori. Conversando com Nara Rodrigues sobre Gerontologia Social. IN: **Algumas considerações sobre o envelhecimento no meio rural na região sul do Brasil**. Editora, UPF, Passo Fundo, 2000.

SILVA, Katiane M.da. (et al.) Envelhecimento: Conhecendo a vida de homens e mulheres do campo. IN: CALDART, Roseli Salete; PALUDO, Conceição (Orgs.). **Como se formam e se**

educam os sujeitos do campo? Idosos, Adultos, Jovens, crianças e educadores. Brasília: PRONERA, 2006.

_____. Maria, Maria: Uma lutadora do Povo. IN: WOORTMANN, Ellen F.; LOPES, Adriana L. (Orgs.). **Margarida Alves II Coletânea sobre Estudos Rurais e Gênero.** Brasília: MDA, 2007

_____. **A Vida de uma Lutadora: o Enraizamento da Experiência da Sem Terra Maria Siqueira.** Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Veranópolis, 2004.

_____. **Gerações no movimento do Movimento: Um Estudo do Envelhecimento no MST.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/14825/000668488.pdf?sequence=1> acesso: 08/10/13

SIMSOM, Olga de Moraes Von. **Experimentos com Histórias de Vida.** São Paulo, Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.

STEDILE, João Pedro. Latifúndio: **O Pecado Agrário Brasileiro.** Caderno de Formação N°. 33. São Paulo: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2000.

_____. **A Reforma Agrária e a Luta do MST.** Petrópolis: Vozes, 1997.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado.** 3ª edição Rio de Janeiro: Paz e terra, 2002.

TORRENS, João Carlos Sampaio. **O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra no Rio Grande do Sul ou tecendo a malha da rede de relações entre os mediadores da luta pela terra.** Versão Preliminar: Curitiba, 1991

TRIVIÑOS Augusto Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo, Atlas, 1987.

_____. **Bases Teórico-Metodológicas na Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais.** Porto Alegre, Editora Ritter dos Reis, 2001.

_____. Educação pelo trabalho. In: **Educação e Trabalho.** Revista educação e realidade. 2 ed. Número 1UFRGS: Porto Alegre, janeiro/abril, 1984.. p, 37-72. Volume 9

VITAL, Dandra Susigan. **Afetividade e Prática docente com idosos.** São Paulo: Setembro, 2005.

WARREN, Ilse Scherer. **Movimentos Sociais: Um ensaio de interpretação sociológica.** 3ª edição revisada. Florianópolis: editora da UFSC, 1989.

WARREN, Ilse Scherer & KRISCHHKE, Paulo J. Movimentos Sociais: algumas discussões conceituais In: _____. **Uma Revolução no Cotidiano? Os Novos Movimentos Sociais na América do Sul.** Brasilense: São Paulo, 1987.